

Atividades Lúdicas no Ensino de Geografia: Experiências no Estágio Supervisionado

Luana Maria de Aguiar
Gilmar Rodrigues
Alice Konstand
(Geografia/UERJ)

Eixo Temático: Fazendo Escola com Múltiplas Linguagens

Resumo

Como alunos da Graduação em Geografia e futuros professores da Escola Básica, torna-se mais que necessário vivenciar o cotidiano de professor na própria sala de aula e na escola como um todo. As disciplinas de Estágio Supervisionado da Faculdade de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro foram criadas com o objetivo de desenvolver nos discentes um novo olhar e vivência na Escola, pois ao professor não cabe apenas repassar conteúdos, mas também para contribuir para a construção da Cidadania. Um professor ciente do funcionamento da sua escola e da realidade que o cerca terá melhor condições para nela poder agir e contribuir para uma sociedade melhor. Este texto visa relatar a experiência de três estudantes de Geografia no Estágio em uma Escola. Experiência que se iniciou na própria universidade, quando a proposta repassada pela professora Gláucia Guimarães não se restringia apenas à observação da sala de aula e sim a uma contribuição ao colégio e/ou às turmas¹ envolvidas. O grupo teve como principal meta desenvolver atividades e material didático, para atrair a atenção do aluno para a sala-de-aula e conteúdo, com intuito de deixar as aulas mais dinâmicas e participativas, sem esquecer também de manter diálogo com os alunos e a professora regente.

Contextualizando a Escola e a Proposta Desenvolvida

Diante desta proposta inicial, as presentes autoras, organizadas em grupo, optaram por trabalhar no Colégio Estadual Fernando Magalhães, localizado no bairro de Jurujuba, Niterói, RJ, onde, inclusive, uma das alunas envolvidas, Luana, estudou no período do Ensino Fundamental e Médio.

No primeiro momento, foi pensado visitar a escola e conversar com a professora com algum projeto já idealizado e planejado. Todavia a professora nos orientou para uma conversa com a direção da Escola e com a professora, pois algum projeto dentro da escola poderia estar já estar sendo desenvolvido e precisando de auxílio ou o professor

¹ É importante ressaltar que quando nos referimos à turma/sala de aula não nos restringimos apenas aos alunos, mas também aos professores. Desde o início, como nos orientou a professora Gláucia, a presença de estagiários numa sala de aula pode permitir aos professores um suporte para realização de algumas aulas mais práticas.

poderia ele próprio ter algum projeto ou atividades em mente, que de acordo com a turma, poderiam ser desenvolvidas.

Bem recebidas pela direção, funcionários e a professora da 6ª série (antiga 5ª série) da referida escola, passamos a observar o Colégio e uma das turmas do já mencionado ano.

O Desenvolvimento de Atividades

Após conversas com a professora Jerusa e observação dos alunos que eram muito agitados, consideravam a escola chata e sem nenhuma relação com a realidade vivenciada por eles, optamos como já exposto no objetivo, trabalhar com atividades lúdicas. Ou seja, desenvolver atividades que contemplassem diferentes habilidades e inteligências dos alunos como visuais, motoras e estimular a criatividade e permitir conexões, por parte dos alunos, da matéria com a sua realidade, a fim de permitir abstrações maiores com o passar do tempo.

As ações dos professores de Geografia devem e podem estimular o aluno como atuante no processo de formação do espaço. O aluno, sujeito do Espaço, deve ser estimulado a conhecer o mundo nas suas diferentes dimensões. Como afirma Lana de Souza Cavalcanti (2002):

Tais ações (práticas sócio-construtivistas na escola) devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser “inserido” no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leve a um desejo de conhecê-lo (CAVALCANTI, 2002, p. 32).

Atividades lúdicas quando bem planejadas e adaptadas à realidade podem estimular nos alunos esse desejo de conhecer o mundo a sua volta. Estimulados, a prática de ensino e aprendizagem da Geografia se torna prazerosa tanto para o próprio professor como para o aluno.

Trabalhar com atividades práticas pode estimular o aluno ao interesse de conhecer o mundo que os cerca como também é necessário para o próprio desenvolvimento cognitivo dos indivíduos-alunos. Cunha (2003) ao trabalhar sobre o

construtivismo afirma sobre as crianças de 7 a 12 anos (idade onde está inserido o aluno da 6ª série):

“Nessa etapa da escolaridade, o que se requer é que o indivíduo progrida nas habilidades operatório-concretas de pensamento. Um ensino que valorize excessivamente a transmissão de conteúdos formalizados pode incorrer no equívoco de fazê-lo por meio de formulações puramente verbais, algo a criança, em geral, ainda não domina” (CUNHA, 2003, p. 88).

Cientes de que o cognitivismo tem particularidades de acordo com o contexto social e histórico, sabemos que o modo da criança e do adulto de pensar é diferente e que isto deve ser levado em conta na hora de elaboração de uma atividade, para que o aluno possa criar interações, ao estudar o conteúdo.

Com apoio da professora Jerusa e da Escola, pudemos elaborar e aplicar algumas atividades que poderiam colaborar com os conteúdos que estavam sendo ministrados (Cartografia – Orientação e Coordenadas Geográficas):

- 1) Encontrando pontos no mapa (atividade em grupo)
- 2) Bingo de Coordenadas (atividade Individual)
- 3) Apresentação Interativa sobre Cartografia e Localização, com Imagens de Satélites e atlas Digital.

Atividade 1: Encontrando pontos no Mapa

A atividade consistiu em dividir os alunos em 6 grupos. Todos os componentes dos grupos possuíam um mesmo mapa, cedido por nós e 4 letras grandes em EVA (emborrachado) que indicavam os pontos cardeais.

O mapa representava a região metropolitana do Rio de Janeiro. Nossa intenção era trazer um mapa mais formal, como aquele que eles vêem nos jornais, na televisão ou nos encartes turísticos, ao mesmo ponto que também gostaríamos de estimular neles um contato maior com o seu município e o entorno ao qual está muito interligado: São Gonçalo, Rio de Janeiro, Itaboraí, Duque de Caxias... que são inclusive lugares onde os alunos mantêm vínculos como familiares, trabalho dos pais ou vizinhos, lugares que sempre aparecem na televisão e nos jornais.

A partir de sentenças, fazíamos perguntas de acordo com o mapa. Cada grupo “discutia” a resposta, e levantava uma letra. Nós os orientávamos, conforme podíamos.

Ressaltamos que o objetivo da atividade não era que um ou outro grupo ganhasse, mas que a matéria de orientação geográfica fosse melhor assimilada pelos alunos.

•(nome de um dos alunos) mora em Itaboraí, mas nas férias visita sua tia em Tanguá? Onde fica Tanguá em relação a Itaboraí?

•(nome de um dos alunos) está passando as férias em Niterói e vai passear em São Gonçalo na Nova Show. Onde fica São Gonçalo em relação a Niterói?

Resultados: Os alunos demoraram um pouco para entender a proposta e ficaram muito agitados. Como a atividade foi em grupo, houve muitas conversas paralelas e falta de controle da turma. Notamos que isso se deu por alguns motivos: não conhecíamos o ritmo da turma o suficiente, a atividade era em grupo, o que facilitava a desconcentração, oferecemos prêmios (pequenos bombons) aos alunos que participassem da brincadeira, o que “acirrou” uma certa “concorrência” dos alunos.

Atividade 2: Bingo de Coordenadas (atividade Individual)

Esta segunda atividade consistiu numa atividade simples, elaborada a pedido da professora, que pediu para nós trabalharmos com os alunos a questão da coordenação e da orientação cartesiana antes de adentrar no assunto de Coordenadas Geográficas.

Cada aluno recebia uma tabela com coordenadas verticais em forma de números e horizontais representadas por letras. Ao todo seriam 36 quadradinhos na tabela, apenas 6 pintados. Como mostra o exemplo a seguir:

	1	2	3	4	5	6
A						
B						
C						
D						
E						
F						

Foi feito um sorteio com os próprios alunos das letras e dos números. Com o resultado o aluno circulava o quadradinho colorido se este correspondesse com o sorteio.

Quem tivesse todos os quadradinhos coloridos sorteados ganhava o bingo.

Durante a atividade, havia uma cartolina com a tabela reproduzida no quadro, com que pintávamos os quadradinhos coloridos, atentando sempre para a questão da orientação.

Uma das alunas ganhou o jogo. Diferente da 1ª atividade não houve premiação.

Explicamos coordenadas com os alunos, a pedido da professora, e demos assistência nas atividades de coordenação e orientação cartográfica passada pela professora e contida no livro.

Resultados: A aula foi muito produtiva. Fizemos a atividade, expusemos conteúdo, ligando-o com o jogo e pudemos dar atenção individual a cada aluno. Eles reconheceram que ficou mais fácil entender o mapa depois da atividade.

Atividade 3: Apresentação Interativa sobre Cartografia e Localização, com Imagens de Satélites e Atlas Digital.

Com colaboração da professora, da direção e de outros docentes, nos foi disponibilizado o data-show e do auditório da escola, para uma apresentação multimídia.

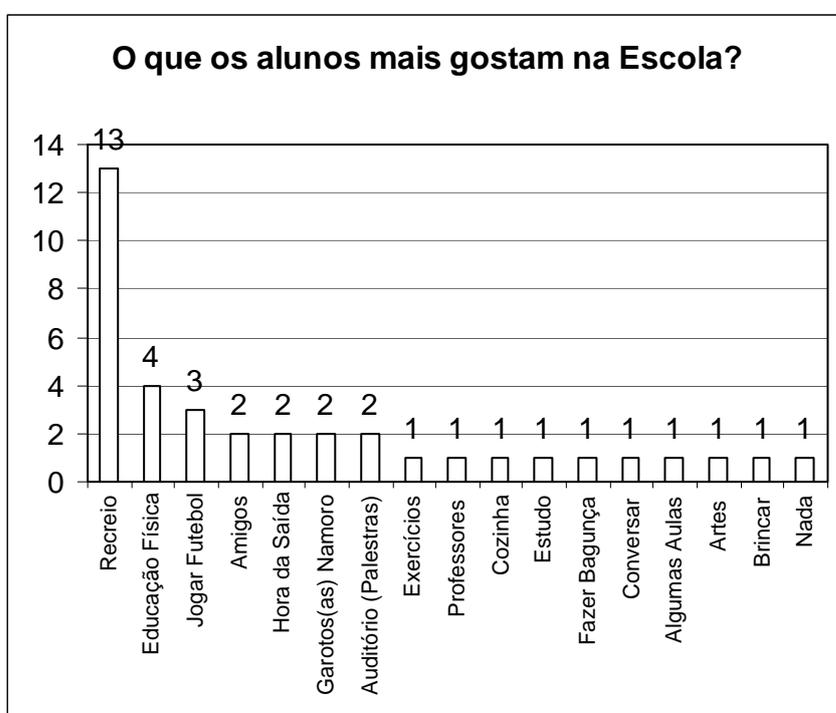
- A apresentação contou com imagens de situações nas quais precisamos usar instrumentos geográficos e cartográficos para nos localizar;
- Imagens e animações referentes aos meridianos e paralelos;
- Vídeos do Atlas Geográfico Digital do IBGE;
- Imagens de satélites e mapas de Niterói e do Rio de Janeiro.

Resultados: Os alunos mostraram interesse, fazendo perguntas e pedindo mais fotos e mapas. Alguns contaram que já usaram Google Earth. Pediram para ver a Linha do Equador nos mapas, a Ilha de Paquetá, aeroportos e outros... A professora nos pediu para repetir a apresentação com as outras turmas da 6ª série.

Os Alunos e sua Relação com a Escola

Desde o início, houve preocupação em manter um diálogo com a professora da Disciplina, com a professora da turma e também com os alunos. Além das conversas realizadas com as crianças, também preparamos um questionário a fim de sistematizar os dados obtidos. As perguntas eram simples e abertas. Também não pedimos que assinassem e incentivamos para que respondessem da forma mais a vontade possível.

Todos os alunos 29 no total responderam o questionário, como os deixamos a vontade, para que fossem espontâneos, muitas vezes eles apresentaram mais de uma resposta para cada questão.



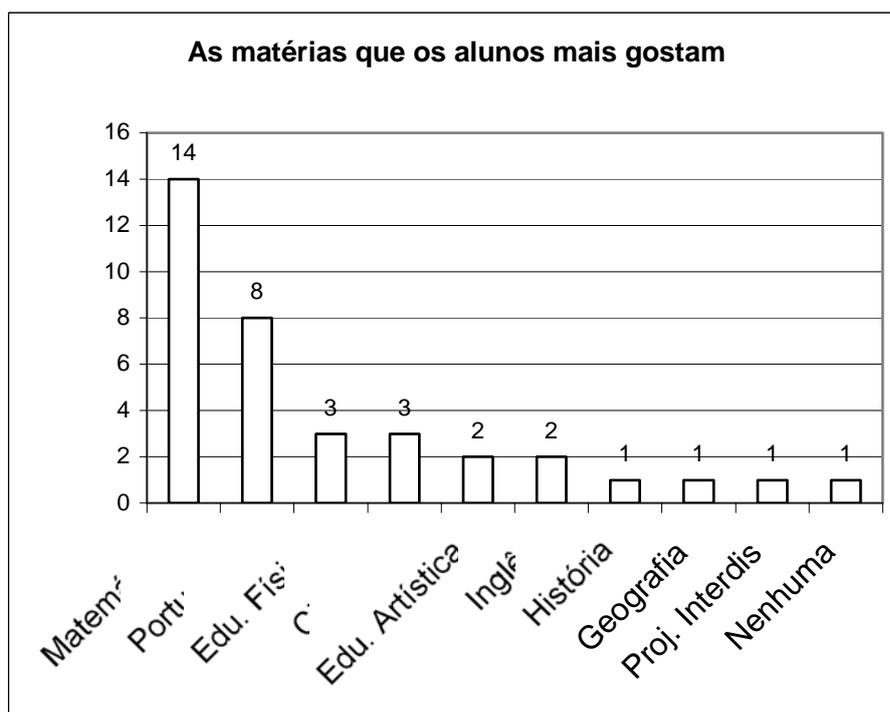
O primeiro gráfico mostra que os alunos preferem atividades que são externas à sala de aula, como o recreio e as aulas práticas de Educação Física, isto comprova que os alunos não se sentem interessados pelo estudo ou pela aula, pelo menos de forma efetiva, como mostraram os questionários.

Também tivemos interesse de saber o que os alunos acreditavam haver faltar na escola para ela ser melhor:



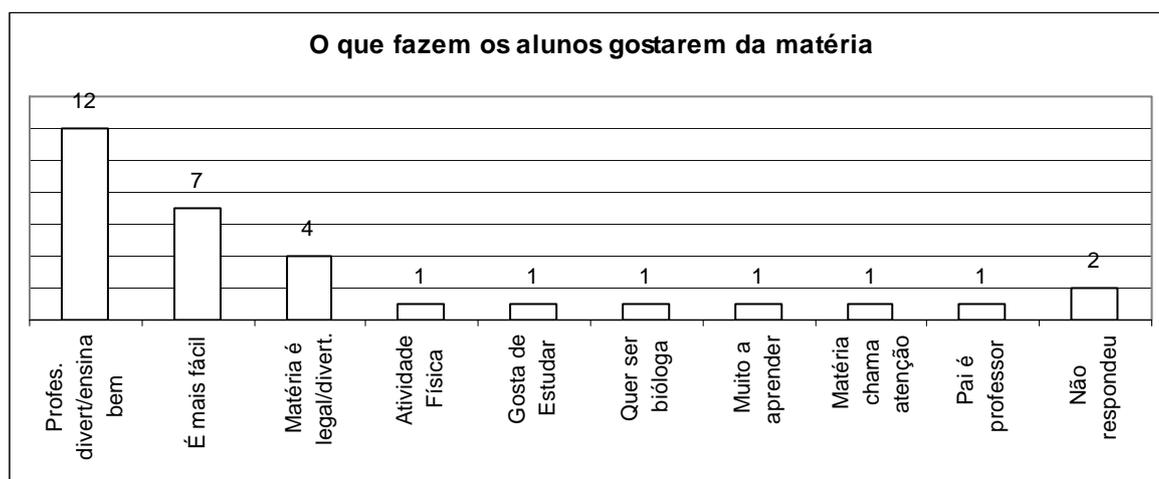
Ficamos surpresos ao perceber que eles próprios reclamaram da falta de comportamento / bagunça gerados por eles mesmos, boa parte dos alunos relatou no questionário que ter um melhor comportamento é o que mais falta na Escola para ela ser melhor. Outros alunos apontaram atividades mais práticas como tarefas lúdicas (brincadeiras / jogos), trabalhos em grupo e aulas práticas. As outras opções foram pontuais. Como professores mais legais e sair mais cedo.

Quanto às disciplinas que os alunos mais gostam, pudemos perceber que eles preferem:



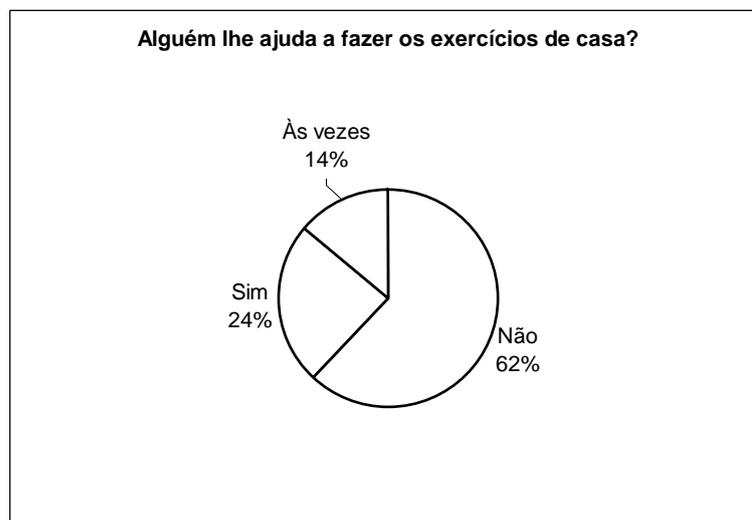
Matemática foi apontada por 14 entrevistados, praticamente metade dos alunos que responderam o questionário (29), português vem em segundo lugar com 8 votos e posteriormente Educação Física e Ciências (3 cada um), notamos que há uma boa diferença entre o primeiro, o segundo e o terceiro. As outras matérias se mostram muito pontuais.

Para verificar o que fazia os alunos gostarem da matéria, fizemos outra pergunta, que teve os seguintes resultados:



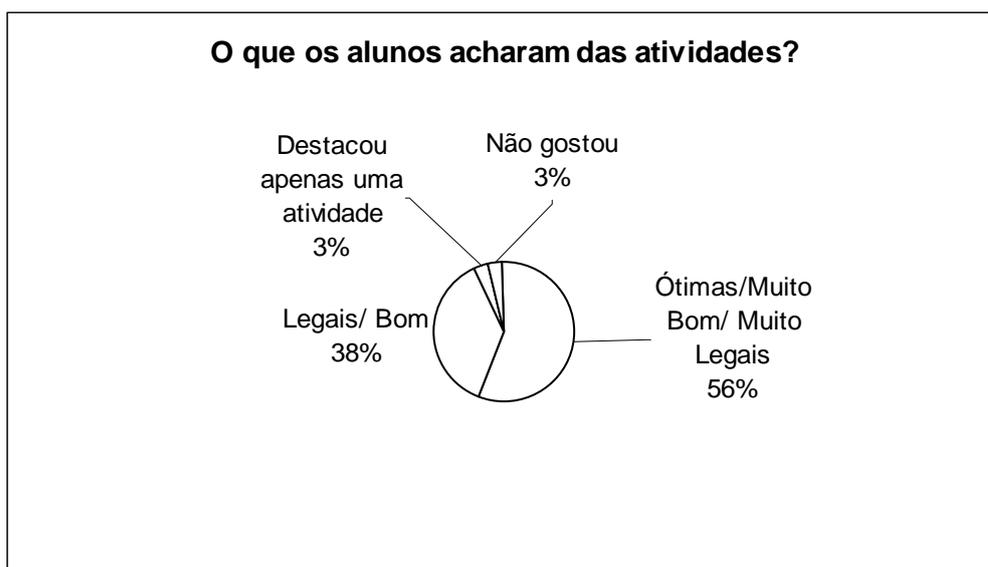
Com uma grande diferença, os alunos mostraram determinado interesse nas matérias que se apresentavam uma professora ou a matéria divertida (as matérias de matemática e português estavam assim caracterizadas).

Outro interesse nosso foi a questão do dever de casa. Estávamos interessados em saber se os alunos tinham apoio da família na resolução das tarefas passadas para casa:

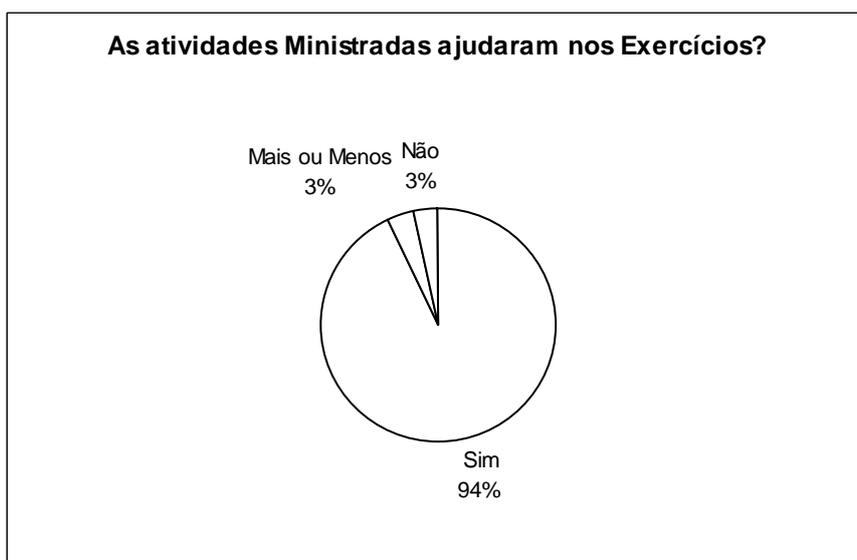


Dezoito alunos, número que corresponde a 62% do total, afirmaram não receber ajuda da família na resolução dos exercícios. Apenas 7 alunos afirmaram ter ajuda simples, os outros 4 alunos contaram ter ajuda de vez em quando ou só quando sentia necessidade.

Também ficamos muito interessadas em saber do que os alunos acharam das atividades e se elas os ajudaram a compreender de melhor forma a matéria que estava sendo ministrada.



Total: 29
alunos



Com estes dois últimos gráficos pudemos perceber que os alunos gostaram muito das atividades e que consideram que elas tenham ajudado na melhor compreensão do conteúdo para cerca de 94% dos alunos, 27 do total de 29 alunos entrevistados.

Por fim, também elaboramos uma pergunta referente à biblioteca da escola: se os alunos a frequentavam ou a frequentariam e por que.



Total: 29 alunos

Segundo este último gráfico, percebemos que 55% dos alunos apresentam um aspecto positivo da biblioteca. Apresentaram muitas vezes respostas muito espontâneas e interessantes como “eu gosto da biblioteca porque a gente viaja lendo”. No entanto o percentual de alunos que não mostraram intimidade ou interesse pela biblioteca é muito grande: 45%. Quadro preocupante e que indica um fator que deve ser levado em consideração.

Considerações Finais

A experiência do estágio nos abriu muitos horizontes sobre a Escola. Suas dificuldades, mas também como certas possibilidades podem ser trabalhadas e até se tornarem de certa forma bem-sucedidas.

Nossa experiência foi muito gratificante, pois pegamos uma turma bem agitada e com dificuldades de compreensão da matéria, o que nos exigiu um esforço para propor atividades, sendo enriquecedora para a nossa formação.

Também percebemos que o estágio pode ser enriquecedor não apenas para nós estagiários, mas também para o professor regente, que pode ver o estagiário como um auxiliar em atividades lúdicas e práticas, que pode agir também como um estimulador ao professor, que encontra muitas vezes dificuldades que o fazem desanimar.

Nosso relacionamento com os alunos foi muito positivo, especialmente com o passar do tempo e do maior contato com os alunos. Sabemos que apesar da empolgação dos alunos com as atividades, sabemos que elas não a solução para todos os problemas da escola e da sala-de-aula, embora elas sejam importantes para o melhor relacionamento professor-aluno e para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, que muitas vezes precisa partir do concreto para abstração.

Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia e Práticas de Ensino*. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.

CUNHA, Marcus Vinicius. *Psicologia da Educação* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.